



Para apresentar a Performance à Educação

Gilberto Icle

A ideia de Performance pode, eventualmente, aludir ao espetáculo, ao teatro, à dança, aos recitais e aos *shows* de música, a eventos artísticos tão distintos quanto a diversidade da arte produzida no mundo contemporâneo, além, é claro, de ser sinônimo de desempenho. No entanto, apresentar essa seção temática é, também, apresentar um campo à Educação muito maior que o campo das Artes, que vai além das práticas poético-estéticas que encontramos naquilo que convencionamos chamar de Arte, assim como maior do que os sentidos que cabem na noção de desempenho.

É justamente nesse problema, o das fronteiras, dos limites, dos territórios e, sobretudo, no borramento de tais demarcações que a Performance tomou forma, desenvolveu-se e estilhou uma série considerável de noções em campos variados de conhecimento.

Certamente o campo das Artes continua sendo um *locus* privilegiado para as discussões da Performance como linguagem artística; entretanto, apresentar a Performance à Educação significa falar das inúmeras possibilidades que a Performance oferece para além das Artes, para além daqueles que obram no campo artístico.

É nesse espraiamento de possibilidades infinitas, nesse campo de tensões epistemológicas, nesse mar de práticas movediças que a Performance adentrou os problemas da Educação.

Se no Brasil esse termo é ainda raro na pesquisa em Educação, nos países de língua anglo-saxônica a Performance tem sido estudada desde a década de 1960, a partir de paradigmas que se alinham às discussões mais recentes em termos de conhecimento, experiência, subjetividade, poder, discurso, estética.

Com efeito, sua característica principal, aclamada desde muito e vista não como uma deficiência, mas como sua principal potência, é a impossibilidade de aprisionarmos a Performance numa definição segura, estável e passível de uma compreensão unívoca.

A Performance e os estudos que lhe são correlatos partem, de fato, da confluência de três campos distintos; a saber: as Artes, a Antropologia e a Filosofia. Não

obstante o seu caráter interdisciplinar e indisciplinado, a cada uma dessas áreas correspondem acepções distintas, práticas específicas, noções diversas.

A seção temática aqui apresentada não apenas procura introduzir a Performance na sua interface com a Educação, mas também procura mostrar diferentes modalidades e compreensões de Performance: na sua especificidade como linguagem artística, na sua manifestação como ação e prática social e na sua qualidade performativa, ou seja, na sua *Performatividade*.

Portanto, a emergência dessas noções – Performance artística, Performance social Performatividade da linguagem – não só aduz um campo misto, como também um campo conflituoso, tramado num emaranhado de forças e discursos, na fricção de práticas e teorias, no agenciamento de saberes e, sobretudo, na experimentação e no experimentalismo característicos da segunda metade do século XX no mundo euro-americano.

De todas as suas acepções, a Performance como linguagem artística híbrida, confluída nas fronteiras entre teatro, dança, música, artes visuais, ritual, experimento, acontecimento e, sobretudo, intervenção, parece aduzir a face mais reconhecível do que chamamos de Performance. Desde a obra de artistas como Marcel Duchamp até John Cage que a *Arte da Performance* vem se estruturando como linguagem que assumiu forma mais específica nos trabalhos híbridos a partir da década de 1960.

Não é por acaso que, a partir dos anos 1960, uma série de experimentações com fins contestatórios, de intervenção no cotidiano e de questionamento dos limites e fins das artes do espetáculo vivo passou a impregnar a discussão crítica sobre a produção artística. Uma série de artistas emblemáticos, tanto do campo das artes cênicas quanto das artes visuais começaram a produzir *happenings*, intervenções, instalações, *body art*, espetáculos e eventos que popularizaram a discussão do que é ou não Arte, das funções da arte, dos fins e meios por intermédio dos quais esses artistas produziam não mais apenas obras para serem contempladas, mas também com as quais se podia participar, protestar, indagar, identificar-se, rechaçar. Nesse contexto palpitante, no qual o limite entre Arte e vida era levado ao extremo, surge uma nova figura, não mais o ator, o bailarino, o músico, o artista, não mais um especialista, mas o *performer*. Um híbrido que faz do próprio corpo obra de arte.

Uma obra mais antiga – dentre tantas outras – proveniente do campo das artes do espetáculo vivo parece germinal neste sentido, pois pela primeira vez o questionamento das fronteiras entre Arte e vida toma a forma de uma teorização, trata-se de *Le théâtre dans la vie*, do diretor de teatro russo Nicolas Evreinoff (1930).

A obra foi publicada em inglês nos Estados Unidos em 1929, mas foi a versão em francês, de 1930, que causou uma transformação significativa no modo de pensar as relações entre o teatro como espetáculo organizado e a vida cotidiana com sua aparência de espontaneidade.

Evreinoff diferencia o teatro da teatralidade, mostrando que, embora separados, espetáculo e vida ordinária constituem casos de teatralidade. Ele se ocupa

em discutir com riqueza de exemplos essa teatralidade na vida dos animais e localiza certo instinto teatral na vontade de transformação do ser humano.

Na mesma direção, ele lembra a teatralização na brincadeira infantil e o caráter teatral da literatura, além de aproximar o crime e a transgressão à norma de sua respectiva teatralidade. Ao descrever toda a vida como teatral, Evreinoff sustenta a tese de que o cotidiano nada mais é do que um grau de teatralidade do qual o espetáculo teatral é seu extremo.

Eis a inauguração de uma possibilidade potente. A Performance poderá se insinuar nessa tese de Evreinoff algumas décadas mais tarde, quando outros campos associados estão também preparados a aceitar e, sobretudo, a poder formular o espaço no qual a Performance vai se circunscrever. Por isso, a emergência da Performance como linguagem, da Arte da Performance, não é solitária, tampouco um caso isolado do mundo das artes.

Pois de modo paralelo e solidário a esse desenvolvimento vertiginoso das artes da performance, a Antropologia, em especial a produção etnográfica a partir da década de 1950, é protagonista de mudanças radicais em termos epistemológicos e metodológicos. Como uma ciência em busca de legitimação, e por isso mesmo sempre autoconsciente da necessidade de constante questionamento de seu papel e de seus métodos, a Antropologia Cultural ou Social fez emergir a Performance em diferentes aspectos. Com efeito, a ideia de Performance já estava apontada nas etnografias clássicas desde Boas e Malinowski.

Não obstante o fato de outros importantes autores desse campo trabalharem com o termo, como Geertz, por exemplo, as obras de Victor Turner e Erving Goffman constituem, sem dúvida, marcos importantes sobre os quais um *constructo* teórico significativo em termos de Etnografia e Antropologia foram assentados.

Como exemplo disso, a obra germinal de Goffman, *The presentation of self in everyday life*, de 1959, constitui uma contribuição superlativa, pois circunscreve uma das principais inspirações para aquilo que, nas décadas seguintes, nos EUA, o encontro do antropólogo Victor Turner e do diretor teatral Richard Schechner irá formar sobre o título de *Performance Studies*.

Nessa obra, Goffman (1975) propõe pensar as relações sociais a partir de um ponto de vista bastante peculiar para a época: as interações sociais face a face não necessariamente verbalizadas. Assim, o antropólogo e sociólogo pensa uma série de análises, a partir de estudos etnográficos, na qual a forma como os indivíduos se apresentam uns aos outros e as maneiras pelas quais cremos ou não em nossos interlocutores são descritas na vida cotidiana.

Esse texto foi fundamental para o fomento da Performance, pois ele coloca em evidência o caráter espacial das relações sociais, minimizando as análises semióticas, semânticas dos significados sociais para se acercar do modo pelo qual agimos, de forma mais ou menos intencional conforme a situação e a consciência que temos de nossos objetivos na vida cotidiana. Tais análises circunscrevem um campo de análise até então impensado e pouco provável: o

da Performance das relações sociais. Goffman, assim, abre caminho para que a Antropologia e a Sociologia não apenas tomem a metáfora do teatro, do palco, do cenário, dos atores como vocabulário técnico, mas circunscrevam um espaço de investigação que diz respeito não a *o quê* os seres humanos fazem quando interagem uns com os outros, mas *como* fazem isso.

Tal acepção encontra ainda no corpo e nas diferentes noções de corpo o campo propício para o seu desenvolvimento. Esse tema, aliás, o corpo, é um dos ligames profícuos entre Arte da Performance e Antropologia.

Caso semelhante ocorre como o chamado *último* Turner, representado em sua obra mais importante para o tema, *The Anthropology of Performance* (1987), na qual ele faz a distinção fundante entre "performance" e "competência". A primeira se interessaria, sob o ponto de vista metodológico, pelo extraordinário e pelo liminar – tratar-se-ia de compreender o social por intermédio da exceção, da fissura e, ao mesmo tempo, a partir da margem. A segunda, ao contrário, lembraria a tradição antropológica na sua acepção mais clássica, ou seja, competência como análise das gramáticas que aduzem às manifestações culturais. Ele propõe, assim, uma nova abordagem etnográfica via Performance.

Mas se uma profusão de trabalhos nas áreas da Antropologia e das Artes irá povoar as pesquisas acadêmicas a partir das décadas de 1970 e 1980, autodenominando-se como Performance, não é senão na Filosofia da Linguagem que ambas vão encontrar também uma ancoragem.

Nesse sentido, a obra magistral de John L. Austin, *How to do things with words*, de 1955, fecha a tríade de exemplos que de alguma forma constituem e dão base ao enorme e profícuo campo da Performance. No entanto, não é da Performance que Austin trata, mas da Performatividade da linguagem, mostrando como determinadas sentenças que proferimos assumem não um caráter descritivo, mas performativo, ou seja, *fazem* coisas em vez de apenas descrevê-las. Além, é claro, de sua contribuição ímpar para a chamada virada linguística da qual a Filosofia da Linguagem tornou-se protagonista, a obra desse inglês permitiu pensar na qualidade de Performance própria da linguagem, na sua Performatividade como possibilidade de realização: ao falar, realizamos, não apenas representamos o mundo.

Essa possibilidade é vasta e de múltiplos exemplos na Filosofia. Foucault constitui apenas um, tomado ao acaso, para exemplificá-la. Ao comparar os enunciados performativos – conceito tomado de inspiração de Austin – com o dizer verdadeiro (*parrêsia*) na Antiguidade, ele aduz as características necessárias para que um enunciado performativo se constitua: que se tenha certo contexto, um indivíduo com *status* suficiente para dizer e que se formule tal enunciado, efetuando por si mesmo a coisa dita. É o caso do juiz, por exemplo, que abre a sessão ao dizer "Está aberta a sessão" (Foucault, 2008, p.59). O enunciado performativo, assim, introduz uma situação conhecida, institucionalizada, acordada, ao passo que o dizer verdadeiro faz irromper uma situação e consequências não sabidas (Foucault, 2008, p.60).

— |

— |

Numa direção semelhante, o trabalho de Zumthor na literatura vai ter desenvolvimento acentuado em termos de Performance. Na relação com a leitura, por exemplo, ele mostra como a Performance está presente em todo texto, sendo a leitura um grau minimizado e o espetáculo o exemplo extremo no qual um corpo está implicado na implicação de outros corpos (Zumthor, 2007). O autor se une às vozes da Arte da Performance e da Antropologia – ainda que não necessariamente nominadas – para restituir o corpo e ao corpo a experiência da voz e do texto.

Na confluência de todas essas possibilidades – e de algumas outras impossíveis de serem aqui brevemente elencadas –, o estudo desse campo, de suas especificidades, funções e relações com os respectivos campos discursivos associados tomou uma forma e um rigor próprios do trabalho acadêmico como resultado da amizade e parceria entre Victor Turner e Richard Schechner. Trata-se do estabelecimento de um campo específico para a investigação da Performance, intitulado em inglês como os *Performances Studies*, nos quais, depois da morte de Turner, Schechner está engajado e dos quais é o principal mentor.

Entre as perspectivas das Artes, da Antropologia e da Filosofia – em que pesem as diferenças de cada área –, algumas semelhanças são mais evidentes; entre elas, a centralidade do corpo como lugar e referência por intermédio do qual o ato performático e sua Performatividade encontram termo. Eis apenas um dos pontos de ligação com a Educação. Não é, portanto, aleatória a ligação entre Performance, Performatividade e Educação. Trata-se de ligações já bem estabelecidas na literatura educacional, mas como toda investigação, quando se fala em Performance, aberta a novas possibilidades. As aplicações de tais categorias – Performance e Performatividade – no campo da Educação não são, contudo, evidentes, ainda que produtivas.

Talvez a relação mais basilar seja aquela que estudaria a sala de aula como um espetáculo no qual o professor seria o *performer*, e os alunos, a plateia. Entretanto, longe de reduzir a relação ensino-aprendizagem a um clichê formado pela aplicação da metáfora teatral e espetacular, os Estudos da Performance oferecem uma rica gama de possibilidades na qual a Performance e a Performatividade aparecem como instrumentos pelos quais é possível pensar as relações sociais, as políticas públicas, as identidades de gênero e de raça, a estética, a infância, os rituais, a vida cotidiana, entre outras.

Se os Estudos da Performance (*Performances Studies*) constituem um campo privilegiado, com departamentos específicos em várias universidades americanas e inglesas, eles não são, contudo, o único espaço no qual a Performance é estudada, praticada e pensada. Exemplo disso é a Etnocologia francesa, a qual, bastante influenciada, de um lado, pela Antropologia, e, de outro, pelas relações entre Arte e Ciência, pretende estudar as "práticas performativas", termo adotado do teórico e diretor teatral polonês Jerzy Grotowski, nas suas aulas no *Collège de France*, na cátedra de Antropologia Teatral.

Jean-Marie Pradier – um dos principais mentores da Etnocologia – reivindica uma abordagem transdisciplinar para os fenômenos da espetacularidade, debruçando-se sobre "práticas performativas" em diferentes acepções. Essa nova disciplina, a Etnocologia, procura evidenciar o caráter eurocêntrico das análises das práticas performativas. O prefixo *Etno* procura, assim, guardar a lembrança de que o ponto de vista precisa ser transformado e que as diferentes "práticas performativas" precisam ser analisadas a partir não apenas de sistemas externos às próprias práticas, mas também a partir de sistemas e vocabulários endógenos (Pradier, 1996).

Na mesma direção, a Etnocologia procura evidenciar uma ligação entre "práticas performativas" e as ciências. Um exemplo disso é a discussão de Pradier sobre a relação da noção de corpo no ocidente e o estudo da anatomia. Ele evidencia a ligação entre o uso do corpo na prática performativa dos espetáculos vivos no ocidente e a ideia de corpo interpretada pela Ciência, especialmente pela anatomia moderna (Pradier, 2000, p.21).

Com efeito, menos recentes do que as formulações de Pradier, os *Performances Studies* configuram uma contribuição já clássica na medida de sua longevidade, produção e influência. Não é por outra razão que a seção temática aqui proposta abre com a entrevista que tive o prazer de fazer, juntamente com o professor Marcelo de Andrade Pereira, com Richard Schechner.

Nesse texto em forma de conversa, o professor Schechner apresenta suas principais ideias sobre a Performance, os Estudos da Performance e diferentes acepções e possibilidades de compreensão. Ao responder perguntas que vão desde os sentidos e a natureza da Performance até questões relativas à sua aplicação e aos campos de investigação atravessados pela Performance, o autor conduz o leitor por intermédio de respostas precisas e exemplos reveladores.

Schechner tem uma produção admirável, tendo sido traduzido em mais de quarenta línguas. Sua obra concentra-se na exploração de sete diferentes áreas nas quais é possível estudar a Performance: na vida cotidiana; no esporte; nos rituais; nos jogos e no comportamento público dos políticos; na análise de modelos de comunicação; na conexão entre o comportamento animal e humano; em determinados aspectos da psicoterapia que enfatizam as relações face a face; na Etnografia e no estudo da Pré-história; e, por fim, na constituição de um campo único das teorias da Performance (Schechner, 2002, p.11).

Para tudo isso, Schechner circunscreve conceitos operacionais bastante precisos e com os quais não apenas analisa seus objetos de estudo, mas também circunscreve os Estudos da Performance. Ao ler suas principais obras, como *Performance Theory* (1988), *Between Theater and Anthropology* (1985), *Performance Studies: an introduction* (2002), o leitor irá encontrar, entre tantos outros, um conceito-chave para os Estudos da Performance: a *restauração do comportamento* (Schechner, 1985).

Por intermédio desse conceito, Schechner descreve os comportamentos ou as práticas da Performance como sendo sempre comportamentos e práticas da "segunda vez", ou seja, trata-se sempre de um tipo de repetição – reorgani-

zada, reconfigurada, ressignificada em muitos casos, mas, ainda sim, uma repetição. A Performance suporia uma restauração de práticas e comportamentos que estariam dados seja por uma tradição rigidamente codificada, como é o caso de danças, teatros, rituais, espetáculos e festas ou por comportamentos tidos como "esperados", por exemplo, o que se espera de uma noiva no dia do casamento numa família americana média (Schechner, 1985).

Ainda que o autor não tenha a oportunidade na entrevista de se dedicar a todos os meandros teóricos dos *Estudos da Performance*, ele o faz por via indireta, pois, na base do que nos conta, podemos vislumbrar tais teorizações. É por sua importância singular e pela discussão específica que faz sobre a Educação, especialmente ao descrever sua compreensão sobre a prática do professor como Performance, que esta entrevista abre a seção temática aqui apresentada.

E ela é seguida de seis textos que nos orgulham como editores na medida em que traçam seis concepções de Performance distintas nas suas singulares conexões com o campo da Educação.

Os dois primeiros, de certo modo, representam a utilização não da Performance propriamente dita, mas da Performatividade na sua produção de significados nas políticas educacionais, em especial, na análise das relações de poder que reformas educacionais e avaliações institucionais produzem como modos de ser na Educação.

Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa, de Stephen J. Ball, é o primeiro deles. Nesse texto magnífico, o autor traça um ácido desenho sobre a regulação que inspeções, avaliações e a necessidade de índices e resultados causam em nós professores e em nossas instituições. É no contexto inglês que ele promove tal crítica; entretanto, cada um de nós, com efeito, pode se reconhecer nesta ideia germinal de Ball: que indica a ultrapassagem da Performance, compreendida, a princípio, como mero desempenho, para a fabricação de determinados papéis os quais nos acostumamos a desempenhar. Trata-se de pensar as performatividades individuais e institucionais no contexto das políticas de Educação como "uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação".

Esse mesmo sentido crítico da Performance está no segundo texto, de Gary Anderson, intitulado *A Reforma Escolar como Performance e Espetáculo Político*. Ele discute o movimento da reforma escolar nos EUA como um espetáculo político. Ao fazê-lo, Anderson lembra a discussão clássica sobre *A sociedade do espetáculo* (1997), de Guy Debord, nos anos 1960, ainda que seu acento seja notadamente pós-estruturalista. Ele rememora como Debord vinculava o espetacular às formas contemporâneas de poder e as considerava cada vez mais sofisticadas ao demonstrar sua vinculação com a sociedade pós-industrial. Anderson, por sua vez, acentua o caráter ilusionista, espetacular das reformas educacionais.

É curioso perceber como o autor tece a noção de espetáculo como metáfora capaz de circunscrever culturas de performances que "desqualificam,

despolitizam e distraem tanto os profissionais da educação como os cidadãos a quem servem". Ao realizar uma espécie de análise do poder, inspirado em Foucault – para quem o poder excede o mero exercer, mas está "incrustado nas relações sociais" –, o autor descreve formas de poder disciplinar e performativo.

Essas possibilidades de pensar a Performance e sua Performatividade estão praticamente ausentes dos dois textos que se seguem a estes últimos, pois eles designam atividades de Performance totalmente distintas, o primeiro, o mais localizado de todos no campo das Artes, com um acento Antropológico e mais especificamente etnocenológico; o segundo, pensando a Performance do professor e a sala de aula como espaço performático.

Didática da Performatividade Espetacular, de Jérôme Dubois, descreve uma oficina de teatro, um espetáculo-procissão e uma turma de integração escolar – três exemplos que têm o teatro como mote de trabalho e para os quais o autor se dirige a partir do ponto de vista da Performatividade, tomada de empréstimo do filósofo John Austin.

Nesses três exemplos, e agregando a reflexão sobre "os usos sociais do teatro", Dubois discute o caráter didático da Performatividade no contexto de práticas espetaculares, ou seja, quando tais práticas se endereçam a um público. A partir da ideia de Performatividade como "uma Performance consciente realizada de modo eficaz através de uma técnica no propósito de uma ação", o autor nos contempla com a discussão e com a crítica da espetacularização contemporânea.

Numa acepção totalmente distinta, mas solidária na diversidade compreensiva da Performance, Elyse Lamm Pineau apresenta um texto clássico sobre as relações entre Performance e Educação que ela mesma atualizou quinze anos depois de sua publicação em inglês, especialmente para *Educação & Realidade*.

Neste texto, chamado *Nos Cruzamentos entre a Performance e a Pedagogia: uma revisão prospectiva*, a autora, uma das pioneiras na interseção entre Performance e Educação, apresenta um ponto de vista crítico, no sentido de Paulo Freire e Augusto Boal, para mapear as relações entre a Educação e a Performance.

Ao introduzir "inovações" na escrita, a autora pretende ilustrar as mudanças pelas quais as pesquisas educacionais passaram sob a influência das distintas acepções de Performance, criticando as noções de professor-ator e professor-artista. Trata-se, com efeito, de uma "escrita performativa como uma estratégia de representação poética". Amparada em Conquergood, a autora mapeia os usos da Performance na Educação, procurando redefini-la, ao descrevê-la "como um paradigma, como uma metáfora exploratória, como método de pesquisa e como ativismo de justiça social". Por fim, descreve o que ela denomina como "poéticas educacionais". Nessa descrição analítica, Pineau trata a Performance tanto como metáfora quanto como método, indagando, entre outros pontos, sobre "como tanto o corpo dos professores quanto dos estudantes tornam-se institucionalizados [?]".

Se a posição etnográfica, antropológica e sociológica é marca dos textos até agora apresentados nesta seção temática, não é senão o acento filosófico que caracteriza os dois últimos textos que oferecemos à apreciação de nossos leitores. Além disso, trata-se de dois textos de colegas brasileiros, à diferença dos demais.

Contudo, as semelhanças param por aí. O leitor vai encontrar no fechamento desta seção trabalhos extremamente diversos na sua forma, nos seus métodos de trabalho e, sobretudo, nos objetos que encerram.

O penúltimo artigo de nossa seção constitui uma contribuição bastante original para a área da infância, tema caro à Educação, discutindo a criança como um *performer*, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty.

Nele, Marina Marcondes Machado apresenta uma contribuição à Educação Infantil por intermédio da Pedagogia Teatral, ainda que centre sua discussão na tentativa de circunscrever a criança *performer*. *A Criança é Performer* é um artigo que não apenas toma da filosofia de Merleau-Ponty suas bases, como coteja no mesmo nível com a Antropologia Cultural, a Etnografia e os Estudos Teatrais, passeando com autores como Goffman, Turner e Geertz.

A autora faz um notável giro, mostrando que a criança age como um *performer* e que "a vida infantil é repleta de momentos de teatralidade e dramaticidade; situações que envolvem-na de tal modo que seu corpo adere às situações: a experiência é vivida com vigor e intensidade", ao contrário do que se relaciona normalmente: a comparação entre a atividade de atores e/ou *performers* com a ludicidade e a corporalidade infantis.

Esse é, aliás, um dos temas centrais de sua tese: o corpo como *locus* performático cujo "mais autêntico protagonismo das crianças pequenas pode ser visto como ato performático", ou seja, trata-se de pensar o corpo como lugar da ludicidade e da criação infantis.

E para finalizar, apresentamos *Pedagogia da Performance: do uso poético da palavra na prática educativa*, de Marcelo de Andrade Pereira. Neste trabalho, o autor parte de um ponto de vista filosófico para discutir a questão da comunicação no cerne do ato pedagógico. E é exatamente por intermédio da metáfora da Performance que ele o faz, mostrando como a palavra constitui espaço de materialização da expressão que vai além da mera comunicação de significados.

Na companhia de autores como Zumthor, Schechner, Agambem e, especialmente, Gumbrecht, marcando uma releitura heideggeriana, o texto indaga sobre a "natureza" poética da palavra e sua possibilidade de atravessamento, de toque, de corporalidade. Ao partir da poesia, o texto desemboca na discussão sobre o uso poético da palavra e a necessária implicação da voz como suporte corporal sobre o qual a comunicação exitosa da Educação poderia ou deveria estar assentada.

Performar a palavra é, enfim, a tese e o objetivo geral deste texto que problematiza a comunicação docente e lhe confere a dignidade do corpo pre-

sente, sacudindo a banalidade do cotidiano escolar, repensando a tarefa de educar.

Não é por outro motivo senão pela raridade de pesquisas na interface Educação-Performance que os representantes brasileiros desta seção são poucos, em comparação com seus colegas estrangeiros; entretanto, é nessa fenda que *Educação & Realidade* gostaria de espreitar.

Apresentar aos nossos leitores uma seção temática exclusivamente com textos que trabalham com Performance sob o ponto de vista da Educação pretende ser, para nós, uma animação para pesquisas que procurem abrir um novo flanco no espaço investigativo da Educação.

Seja na perspectiva das Artes, da Antropologia, da Filosofia ou em quantas mais a Performance se fizer presente, acreditamos que essa seção possa ser um passo para introduzir de forma mais definitiva esse tipo de discussão no *topos* educacional brasileiro.

Performar a pesquisa, performar os professores e os alunos, performar a escola, performar as políticas públicas, ou seja, dar novas formas, nos olhares, transgredir as fronteiras do que é e do que pode se tornar. A Performance poderia fazer tudo isso pela Educação e talvez mais. Ela é um convite à experiência das bordas, das fronteiras, às práticas interdisciplinares e a problematizações sobre a Cultura, sobre a Arte, sobre a Linguagem – temas que de nenhum modo são estrangeiros à Educação.

Boa leitura e boas performances.

Referências

- AUSTIN, John L. **How to do things with words**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EVREINOFF, Nicolas. **Le Théâtre dans la vie**. Paris: Librairie Stock, 1930.
- FOUCAULT, Michel. **Le gouvernement de soi et des autres**. Cours au Collège de France. 1982-1983. Paris: Gallimard/Seuil, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- PRADIER, Jean-Marie. **La scène et la fabrique des corps**: Ethnoscénologie du spectacle vivant en Occident (V^e siècle av. J.C. – XVIII^e siècle). Bordeaux: Presses Universitaires Bordeaux, 2000.
- PRADIER, Jean-Marie. Ethnoscénologie: la profondeur des émergences. La scène et la terre: questions d'ethnoscénologie. **Internationale de l'imaginaire**. Maison des cultures du monde, n.05, 1996, p.13-41.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Studies**: an introduction. New York: Routledge, 2002.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. New York: Routledge, 1988.



SCHECHNER, Richard. **Between Theater and Anthropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac e Naife, 2007.

Gilberto Icle é ator, diretor e pesquisador na área de teatro. É professor no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É editor associado de *Educação & Realidade*.
E-mail: gilbertoicle@gmail.com